
**DO MÉDICO E O MONSTRO AO ENFERMEIRO: ADAPTAÇÕES
QUADRINÍSTICAS FORMANDO O GOSTO PELA LEITURA**

From The doctor and the monster to The nurse:
comic book adaptations forming a taste for reading

Rodrigo dos Santos Araújo¹

Núcleo de Estudos em Educação, Literaturas e Psicanálise - NEELP – Luís Eduardo
Magalhães/Ba

profissional.rodrigo@hotmail.com

Patrícia Kátia da Costa Pina²

dacostapina@gmail.com

RESUMO: A humanidade sempre fez uso das representações imagéticas como forma de comunicação entre si. Na pré-história, o homem se comunicava por meio de pinturas rupestres que narravam o dia a dia daquela comunidade. No antigo Egito, havia os hieróglifos. Para os Sumérios, o Cuneiforme. No século XIV com Gutenberg, surge o impresso, e posteriormente, em meados 1890 surgem os quadrinhos, que ganharam notoriedade entre crianças e jovens. Na educação, os quadrinhos vieram a se tornar um dos maiores aliados dos professores no processo de formação do gosto pela leitura. Por ser um gênero híbrido verbo-visual, que faz a junção entre texto e imagem, os quadrinhos podem ser apresentados como um dos principais fatores no processo de encantamento do leitor. O presente trabalho de cunho qualitativo bibliográfico busca compreender as relações entre as obras “O médico e o Monstro” de Robert Louis Stevenson traduzido por Silvio Antunha e publicado pela editora Principis (2019), “Médico e o Monstro em quadrinhos” adaptado por Esteves, Souza e Freitas (2021) também lançado pela editora Principis e a obra oitocentista de Machado de Assis “O Enfermeiro” publicado pela CDL (1968) e “O Enfermeiro em quadrinhos” adaptado por Vilachã e Rodrigues (2006) e, lançado pela editora Escala Educacional. A partir disso, visamos compreender quais as relações e as características em comum entre essas obras e como as adaptações quadrinísticas podem ou não formar o gosto pela leitura. Por fim, determinar – ou não – se as adaptações quadrinísticas que comparadas com o texto de partida são capazes de despertar o gosto pela leitura.

Palavras-chave: O Enfermeiro; O Médico e o Monstro; Literatura em Quadrinhos; Formação do Leitor; Linguagem Quadrinística.

¹Graduando do 5º Período do Curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês Pelo Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira-UNIFAAHF. Pesquisador no Núcleo de Estudos em Educação, Literaturas e Psicanálise – NEELP.

²Doutora em Literatura Comparada (UERJ, 2000), Pós-Doutora em Letras Vernáculas (UFRJ, 2010), Pós-Doutora em Comunicação (ECA-USP, 2017). Professora Plena aposentada (UNEB/UESC). Professora de Literatura, Práticas Pedagógicas Docentes, Metodologia Científica e Seminários Temáticos da UNIFAAHF.

ABSTRACT: Humanity has always made use of image representations as a form of communication among themselves. In prehistoric times, man communicated through cave paintings that narrated the daily life of that community. In ancient Egypt, there were the hieroglyphics. For the Sumerians, the Cuneiform. In the 14th century, with Gutenberg, printing appeared, and later, in the mid-1890s, comics appeared, gaining notoriety among children and young people. In education, comics have become one of the teachers' greatest allies in the process of developing a taste for reading. As a hybrid verb-visual genre, which brings together text and image, comics can be presented as one of the main factors in the process of enchanting the reader. The present work of bibliographical qualitative nature seeks to understand the relationships between the works "The Doctor and the Beast" by Robert Louis Stevenson translated by Silvio Antunha and published by Principis (2019), "Doctor and the Beast in comics" adapted by Esteves, Souza e Freitas (2021) also released by Principis and Machado de Assis' 19th century work "O Enfermeiro" published by CDL (1968) and "O Enfermeiro em quadrinhos" adapted by Vilachã and Rodrigues (2006) and released by Escala Educacional. From this, we aim to understand what relationships and characteristics these works have in common and how comic adaptations may or may not form the taste for reading. Finally, to determine - or not - if comic adaptations that are compared to the source text are capable of awakening a taste for reading.

Keywords: The Nurse; The Doctor and the Monster; Comic Literature; Reader Training; Quadrinistic Language.

INTRODUÇÃO

O presente estudo de caso busca compreender como as adaptações quadrinísticas comparadas aos textos de partida podem despertar nos leitores o gosto pela leitura, na construção deste trabalho baseamo-nos nos estudos de Vergueiro & Ramos (2009), Costa (2013) e Pina (2014). A partir disso, buscamos compreender aqui como o processo de formação do gosto pela leitura pode acontecer, tendo como objeto formativo as adaptações quadrinísticas intercaladas com os textos de partida as quais elas derivaram. Levantaremos questões que visam responder – ou não – a essa proposta.

Outro ponto muito relevante que também será discutido neste artigo é o processo de intertextualidade entre obras, quais as relações? Quais as características similares entre ambas além do conteúdo? As adaptações quadrinísticas podem ser trabalhados em sala de aula e contextualizar diferentes disciplinas? São alguns dos questionamentos que buscamos responder neste artigo.

Por meio de uma pesquisa de cunho qualitativo bibliográfico onde, analisaremos as obras “O Médico e o Monstro” de Robert Louis Stevenson lançada pela editora Principis (2021), “O enfermeiro” de Machado de Assis publicada pela editora Clube do Livro (1968). Das duas obras, analisaremos também as suas respectivas adaptações em quadrinhos “O Enfermeiro em Quadrinhos” adaptada por Vilachã e Rodrigues (2010), lançada pela editora

Escala Educacional e, “O Médico e o Monstro em Quadrinhos” adaptada por Esteves, Souza e Freitas (2021) também lançada pela editora Principais. Este estudo de caso trata-se de uma investigação empírica que tem como finalidade, discutir se é possível formar um leitor a partir de uma abordagem lúdica com o uso de HQ’s em sala de aula e como esse gênero pode se comunicar com o leitor.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o surgimento do impresso no século XIV com Gutenberg, a forma de ler modificou-se radicalmente. A leitura, que equiparada aos tempos pré-históricos que serviam como narração as histórias vividas, ganharam uma nova significação, formato e aplicação. Com a chegada do impresso, espaços democráticos foram criados e o homem pode expressar a sua opinião de forma mais contundente e por advento do impresso, torná-la pública. Por sua vez, esse espaço criou uma demanda pela necessidade de se obter cada vez mais informação, isso foi se intensificado cada vez mais pela popularização do papel. Com o quadrinho não foi diferente. Antes um objeto de diversão entre crianças e jovens, hoje, um instrumento pedagógico que complementa o processo educacional.

O papel do quadrinho dentro de sala de aula se tornou muito maior, as gerações que década após décadas vem se modificando, passaram a exigir da escola e do professor que a escola ampliasse e modificasse a sua metodologia. Nas salas de aula dos anos 2000, ainda existem alunos que relutam em ler textos impressos, ou em ler textos que simplesmente não os atraí. Com isso, as adaptações quadrinísticas ganharam um papel muito importante em sala de aula: o papel de ressignificar a leitura. Nas palavras de Zeni (2009, p.141) apud Pina (2009, p.37):

A adaptação é uma leitura que se transpõe em releitura, e com essa releitura, alguns elementos estruturadores do texto de partida ganham destaque, e por consequência, reapresentam a sua estrutura. Uma adaptação quadrinística, não necessariamente pode ser tida apenas como uma nova versão de um texto, ela é uma releitura que possui o seu formato, o seu desdobrar da narrativa.

Entendam que uma adaptação não substitui o texto de partida, mas, ela é um novo texto que pluraliza os seus elementos. Quando o leitor lê uma adaptação, a exemplo das obras estudadas aqui, ele não está realmente lendo “O Médico e O Monstro” ou “O Enfermeiro”, paradoxalmente, ele está lendo um outro texto que lhe apresentará as características e os conhecimentos sobre o texto de partida. Com isso, a formação do repertório do leitor se constrói. O texto de partida, por sua vez, possui uma linguagem própria que é decorrente de

seu período e cultura, algo que se sobrepõe a adaptação, pois, por se tratar de um texto derivado, elementos como linguagem, ambientação, podem ser mantidos ou modificados sem que o texto adaptado perca a essência do texto de partida.

A adaptação é um tipo de obra que tem por finalidade reapresentar outra obra preexistente. (Vergueiro e Ramos, 2009) E é possível adaptar qualquer obra produzida em qualquer formato: jogos, livros, filmes, quadrinhos, peças de teatro, músicas, etc. Mas adaptar não retira a importância do texto a qual a adaptação foi derivada. Qualquer elemento que exista no texto de partida pode ser completamente reescrito na adaptação em favor da criação de novo texto que passa a possuir as suas próprias características.

HQ's são arte e funcionam como um instrumento de contextualização para o leitor, claro que ela segue uma ordem cronológica dos fatos apresentadas inicialmente no texto de partida, porém com as representações imagéticas das vinhetas, gravuras e balões. A partir dessa ideia, podemos compreender que inserir uma adaptação quadrinística em sala de aula como uma das diversas ferramentas potencializadoras do conhecimento que não somente o professor de língua portuguesa pode utilizar, pode ser uma das principais ferramentas no despertar do gosto pela leitura. Por sua vez, as histórias em quadrinhos são perfeitamente capazes de entusiasmar os leitores justamente pelo fato de não serem apenas um aglomerado de palavras e sim uma junção verbo-visual. Diferentemente do texto escrito que segue uma formatação linear, um texto verbo-visual/ híbrido como o quadrinho se utiliza de uma organização espacial e lógica das imagens, em um quadrinho você nunca encontrará imagens soltas que não apresentem uma lógica ou contexto para a sua presença. As vinhetas sempre seguirão uma ordem cronológica que são estruturados hierarquicamente para que as imagens complementem o texto e vise versa.

A paleta de cores pode ser tida como um dos principais fatores do chamamento do leitor, podendo até ser um dos principais atributos que prendem o leitor a história contada e, apresentam sentido visual a narrativa.

Dentro da perspectiva educacional, o quadrinho pode ser visto como uma ferramenta capaz de mediar o processo de aprendizagem e incentivo à leitura com os alunos. Mas, ler uma adaptação, não necessariamente faz com que o leitor tenha interesse em ler o texto de partida - ou que ele tenha a obrigação de ler. O quadrinho traz o leitor para o quadrinho, a partir de uma perspectiva semiótica onde são apresentadas situações em que o leitor se identifica. Esse processo se dá, é claro, através do repertório que o leitor possui, assim, ele é capaz de agregar sentido ao que está lendo. Segundo Pina (2020, p.37) a natureza

multissemiótica do gibi potencializa a leitura. Por isso, o gênero quadrinho não pode funcionar sem que haja a interação entre texto, imagem e cor.

Compreendam que mesmo que uma pessoa leia um livro/ HQ isso não a torna necessariamente um leitor, porém, a forma como esse leitor interage e se apropria da história, sim. A leitura é como a memória, uma prática que dribla o esquecimento e provoca o discreto, e ainda contribui para imprimirmos uma marca pessoal e política a nossos atos e qualidade à nossa assinatura. (Yunes, 2009, p.26 apud Pina, 2014, p.14) Ainda de acordo com Pina (2014, p.14) a leitura da literatura, quando feita prazerosamente, em exercício de liberdade imaginativa, produz um vínculo emocional forte entre o leitor e o texto. Assim, podemos afirmar que a leitura não influencia apenas no aspecto cognitivo de um leitor. A prática da leitura é capaz de desenvolver diversas características do leitor.

2. O USO DE ADAPTAÇÕES EM SALA DE AULA

Inserir quadrinhos no processo educacional não é uma ação exclusiva da literatura e da língua portuguesa, pelo contrário, todas as disciplinas, sejam elas nas áreas de humanas, exatas ou biológicas, podem utilizar o quadrinho como objeto de estudo e discussão em sala. cremos que para que se forme um leitor, previamente, o professor deve ser um leitor e, deve entender que o perfil deste aluno também é muito importante. Porém, em algumas instituições de ensino existem professores que persistem em trabalhar com seus educandos apenas a parte gramatical da língua, deixando de lado o trabalho com a literatura. Esse ainda é um problema presente nas escolas. Nos atrevemos a dizer que hoje, nas escolas, existem professores noventistas ensinando alunos da geração dois mil, esses professores, ainda carregam com sigo a ideologia de que o professor é detentor do conhecimento e figura onipotente em sala de aula. Mas a realidade é completamente outra, o professor, hoje, esse não assume mais o papel de detentor do conhecimento, o professor trata-se de um mediador do aprendizado. Ao aluno, deve ser dado protagonismo para que ele encontre as ferramentas que lhe possibilitarão aprender. Esses mesmos professores insistem em se manterem estagnados apenas ao contexto técnico da língua: a gramática. Eles deixam de lado o trabalho com a literatura pois como eu disse anteriormente, para se discutir um texto, é necessário ser um leitor e estar disposto a deixar de lado os seus conceitos e ouvir atentamente o que o texto tem a dizer.

Certamente, não apenas o professor, mas o aluno deverá possuir um repertório (algo que ele goste de ler) leitor para que ele possa se desenvolver como leitor. Acreditamos que um dos principais fatores da criação do gosto pela leitura – se não o mais importante fator – está ancorada no repertório deste leitor. O que esse leitor lê, podemos afirmar que é a maior e o mais importante característica de todas.

A partir do seu repertório, o leitor é capaz de sintetizar as informações adquiridas nas leituras realizadas a partir disso, esse aluno não irá apenas sintetizar, mas dar sentido ao texto que é lido. O quadrinho por sua vez, ao ser lido, pode despertar no leitor a sua capacidade de criticar o que está sendo lido, julgando-o de acordo com a sua visão, ideias e formas.

Para Ramos e Vergueiro (2006), o trabalho com HQ'S em sala de aula é muito importante no despertar de interesses do aluno e no exercício prático de atividades diversificadas, desde que bem orientadas pelos professores. Vergueiro complementa discutindo que a junção de palavras e imagens tornam o ensino mais eficiente e atrativo. Podemos afirmar que são muitas as informações presentes em um quadrinho e isso diversifica a crítica levantada pelo leitor. Mas infelizmente, na escola dos anos 2000, segundo Pina (2014, p.15):

O trabalho escolar com literatura apoia-se normalmente, no livro didático. Neste, certamente, a prioridade está na sistematização dos conteúdos. Isso faz com que o texto literário seja fragmentado, e, em geral, usado para discussões superficiais ou, ainda, para o estudo gramatical.

Assim, utilizar uma adaptação quadrinística em sala de aula, pode trazer a dinâmica escolar a um novo caminho. Discutir, contextualizar, sintetizar e identificar, são habilidades que o trabalho com literatura pode despertar, seja ela um quadrinho ou não. Ler uma adaptação faz o leitor entender que nos textos, existem certas familiaridades ou até mesmo inspirações com outras histórias ou, com acontecimentos de sua própria vida. O quadrinho não deve apenas influenciar no hábito de ler, e sim no gostar. A leitura deve ser passiva e voluntária. A leitura quadrinística influencia diversos aspectos de um leitor que vai além da criticidade a criatividade. Vergueiro e Ramos (2009, p. 9) complementam afirmando que:

Houve um tempo, não tão distante assim, em que levar revistas em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores. Tais publicações eram interpretadas como leitura de lazer e, por isso, superficiais e com conteúdo aquém do esperado para a realidade do aluno. Dois dos argumentos mais usados é que geravam “preguiça mental” nos estudantes e afastavam os alunos da chamada “boa leitura”.

Contemplando a 4ª competência da BNCC (Comunicação) que defende a utilização de diferentes linguagens em sala de aula delimitando que o professor deve permitir que o aluno possa: “Expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias, sentimentos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.” (BNCC, 2017) Porém, como competência, devemos entender que ela se trata de uma mobilização que agregará diversos recursos a fim de resolver algum problema ou déficit no processo educacional. Essa competência contrapõe o pensamento pedagógico tradicional que visava valorizar na escola, apenas a linguagem escrita. A BNCC defende que na escola deve-se trabalhar as linguagens adjacentes a escrita: visual, musical, linguagem representativa, etc. Com isso, o foco se resguarda em ampliar o repertório do aluno nas múltiplas linguagens existentes no âmbito escolar.

Utilizar diferentes linguagens em sala de aula, sejam elas verbais, orais, visuais, corporais, sonoras ou digitais, bem como o conhecimento das linguagens artísticas é fundamental no processo de formação do gosto pela leitura. Para se expressar e compartilhar informações, experiências, ideias e em diferentes contextos, além de produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. Essas competências devem ser aplicadas não apenas para seguir regimentos, mas, para que o educando possa ter o seu campo de conhecimento expandido e trabalhado, para que da escola, saiam sujeitos críticos e questionadores. O quadrinho é Arte, como já citamos, mas, ele também é um gênero textual. E como tal, deve ser analisado dentro das suas especificações. Costa (2011) afirma que os gêneros textuais estão presentes em todas as formas possíveis de comunicação, ou seja, representam a comunicação interpessoal; dessa forma está na sala de aula, na internet, na rua, no supermercado e etc. Para Koch (2002) o gênero pode ser considerado como ferramenta, na medida em que um sujeito – o enunciador- age discursivamente numa situação definida – a ação – por uma série de parâmetros, com a ajuda de um instrumento semiótico – o gênero.

A partir da perspectiva levantada, podemos compreender que o gênero textual quadrinhos, age em seu leitor pelo aspecto visual e social, trazendo ao leitor a possibilidade de representar mentalmente o que está sendo lido. Outro aspecto muito importante que o professor deve analisar é se este aluno é um aluno letrado, uma vez que o letramento precede a vida escolar, sendo assim, podemos afirmar que não existe alfabetização efetiva sem o letramento. Podemos definir como letrado o leitor que é capaz de ler de forma crítica, e trazer para si o texto. Ele não analisa apenas o que o texto quer falar, mas sim o que ele pode representar.

Mas por que isso é relevante aqui? Simples, o letramento trabalha com a construção de sentido sendo que na maioria das vezes, a sua interpretação, ou, o seu uso, pode ser uma forma social de interpretação do escrito. O processo de apropriação da literatura acontece enquanto construção literária de sentidos. Ou seja, ler é delinear um caminho para a compreensão, interpretação, do que está sendo lido. Por isso o repertório do leitor é tão importante, através dele, o leitor será capaz não apenas de sintetizar a informação lida, mas, também ele a interpretará, dando sentido ao escrito.

3. DE O MÉDICO E O MONSTRO AO ENFERMEIRO

Em “O enfermeiro”, lançado em 1896 por Machado de Assis, que narra a história de Procópio, um copista que residia em Niterói – RJ que a convite de seu amigo Padre, que o abriga, para servir como enfermeiro na casa de um mandrião coronel. De primeira vista, Procópio acentua-se como um homem inteligente, corajoso e paciente. Logo ao chegar ao interior onde cuidará do velho coronel, Procópio é advertido pela população sobre o gênio forte do Coronel. Nos primeiros momentos junto ao Coronel, tudo está tranquilo, estabilizado, calmo. Mas logo o homem muda completamente e traz à tona a personalidade ditatorial. Pacientemente, ele esteia as humilhações, xingamentos e agressões verbais contra Procópio. Uma noite, após diversos xingamentos e agressões do coronel, Procópio acaba por mata-lo enforcado ao ser atingido por uma moringa na cabeça. Essa história apresenta um desfecho completamente irônico, pois, posteriormente ao assassinato, Procópio torna-se o principal herdeiro das posses do Coronel Felisberto, como voto de gratidão aos serviços prestados. Primeiramente, ele fica assustado com a possibilidade de ser pego e indiciado pelo crime, Procópio traz a si, uma crise de consciência terrível chegando a ver vultos e ter pesadelos com a noite do crime. Ele pondera diversas opções para se livrar do dinheiro recebido: negar o recebimento, doar, e até mesmo se entregar. Porém isso não acontece. Logo nos versos iniciais do conto, Procópio faz o seguinte apelo: “Parece-lhe, então, que o que se deu comigo, em 1860, pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição única de que há de divulgar nada antes da minha morte. Não esperará muito, pode ser que oito dias, se não for menos; estou desenganado.” (ASSIS, 1968, p.13)

Procópio demonstra, neste trecho de introdução do conto, zelo pela reputação que construiu a partir da boa imagem de devotado enfermeiro e posteriormente de um respeitável herdeiro. Machado de Assis que em suas obras sempre faz questão de abordar o lado sombrio

do ser humano, aqui, cuidadosamente nos leva a discutir a natureza humana e como homem está para a sociedade. Muito perspicaz, Machado traz à tona não apenas os anseios e as inseguranças do personagem, mas, a modificação do caráter do mesmo ao entender que se não for descoberto ele pode tranquilamente usufruir dos bens adquiridos. Procópio passa ao advir-se de um simples enfermeiro a um assassino que aceita essa condição, tendo como prêmio a herança. Ironicamente – ou milimetricamente pensado – Procópio, em tradução livre segundo o site “Significado e Origem”, constitui-se em “aquele que ganha”. Machado de Assis deixa em xeque a questão do duplo humano, onde a partir do tratamento recebido pelo coronel, Procópio já tinha interesse pela morte do Coronel, mas não que ocorresse pelas suas mãos.

A partir das características presentes em “O Enfermeiro” analisamos que em “O Médico e o Monstro”, o tema do duplo, também é uma questão presente. Na visão de Stevenson, diferente de Procópio, Dr. Jekyll já é um respeitável homem da alta sociedade Londrina, ele já possui este título há um longo tempo. Jekyll não precisou construir-se a partir de heranças apenas por perspectivas de caráter. Jekyll, convive em um conflito interno entre os seus dois lados e a sua ganância pelo desconhecido. O bem e o mal que sutilmente é abordado na obra por intermédio da ciência – características muito presentes em obras oitocentistas- onde Jekyll alimenta a ideia de que dentro do corpo humano existe bondade e maldade, e que essas duas partes podem ser separadas. Jekyll possui uma visão científica do fato.

A partir de seus experimentos com fórmulas e sais, Jekyll dá vazão a Hyde. Ou, o lado mais primitivo de sua personalidade. Tanto Machado quanto Stevenson, basearam-se na questão do homem-sociedade como elemento de construção de suas obras. Assim, avaliando a sociedade sob uma perspectiva psicológica onde o principal objeto é o próprio homem e suas práticas. Rousseau afirma que “O homem nasce bom, a sociedade quem o corrompe”. Com base nessa afirmação, Jekyll e Procópio, inicialmente, nos dão a entender que suas ações ocorrerão por reflexos do meio em que eles estavam inseridos.

Dalgalarrondo (2008), entende que os pensamentos humanos são constituídos por conceito, juízo e raciocínio, os quais movimentam a vida do sujeito que, ao enfrentar determinadas situações de conflitos pessoais, recorre à sua consciência repleta de moral e ética, moldada pela sua formação e cultura.

A ética é uma questão pontuada em ambas as obras, ambos por serem “doutores”, ambos deveriam cuidar de vidas, preservá-las. O que não ocorre, é claro. Essa talvez seja a maior



das ironias presentes em ambos os textos.

Logo abaixo duas apresentamos representações da adaptação quadrinística de “O médico e o monstro”. Nas figuras abaixo, podemos identificar que visivelmente há uma diferença física gritante entre Jekyll e Hyde, não apenas no quesito físico, mas, na questão moral.

ESTEVES; SOUZA; FREITAS, 2021, p.04.

ESTEVES; SOUZA; FREITAS, 2021, p.05

Nos olhos de Jekyll, até certo ponto, ainda podemos perceber que há humanidade, seu olhar transparece o medo de ser descoberto e autuado pela justiça. Mas Jekyll é determinado em seu objetivo científico. Já na representação de Hyde, podemos ver que ele transparece segurança, maldade. Seus olhos vermelhos como o de um demônio, deixam claro que não há humanidade.

No entanto Hyde, que desde a sua primeira aparição no livro, sempre causa repulsa a quem o vê. Jekyll e Hyde, ocupam o mesmo corpo e são a mesma pessoa, separadas por instintos e desejos. Jekyll pode ser descrita como a parte consciente, ou o ser que baseia as suas emoções, respeitando as leis e a sua posição social. Hyde é o posto, na obra, ele é descrito como controverso, repugnante, medonho em alguns trechos, a sua imagem é relacionada ao próprio demônio por uma de suas vítimas.

Com isso, entendemos que o conceito de consciente e inconsciente se faz presente a

todo momento, Jekyll não se responsabiliza pelos crimes cometidos por Hyde, e Hyde, não se prende aos desígnios morais que a sociedade dita para agir como quer, ou, para cometer os crimes que comete.

Em pleno desacordo com o personagem da obra Machadiana “O Enfermeiro”: Procópio, consideramos que Hyde é um monstro criado com base nos desejos oprimidos de Jekyll, já Procópio torna-se com base em suas ações impensadas.

Mesmo não sendo alguém relevante, Procópio sente dentro de si o dever moral de se responsabilizar pelas suas ações, mas, movido pelo poder que o dinheiro lhe propiciou, ele abdica desse dever. Procópio, que é um simples copista traz a representação marginal da figura humana sobrepujada aos privilégios que o dinheiro pode proporcionar. Jekyll deseja manter a sua imagem de homem da elite e grande médico que era, Procópio apenas deseja sobreviver e constituir o seu nome. Não apenas Stevenson, mas também Machado de Assis, buscam trazer de forma homeopáticas algumas de suas principais questões literárias como Ironia com relação a postura do homem e a sociedade, a análise sobre a natureza e alma humana, e a crítica a postura hipócrita do homem.

Mesmo sendo textos de gêneros e períodos completamente diferentes, a análise do ser humano e suas contradições se faz presente em ambas as obras. Machado e Stevenson brincam com a questão da essência versus a aparência. “Quem sou e o que esse eu pratico”. O tema da ascensão social e da ética corrompida.

A questão chave de ambas as obras se dá de forma intencional, onde os autores fazem uso de elementos que utilizam das entrelinhas para provocar o leitor a compreender se o personagem realmente é o que aparentam ser. E se não as suas ações realmente evidenciam o que eles dizem. Esconder as suas verdadeiras faces, ideais e práticas não é uma questão apenas teórica ou literária presente em personagens, pelo contrário, no mundo real é algo cotidianamente existente. Ambos, vem a se tornarem assassinos por intermédio da raiva e do impulso – que é uma outra característica ímpar nas obras de Machado de Assis e Stevenson.

O uso de temáticas filosóficas, relacionadas a contextos bíblicos e reais. Os pecados e o tema da morte presentes na atmosfera de cada personagem. Na visão dos autores, o medo da morte existente nos livros não se refere apenas ao ato de deixar de existir, mas sim a morte social e a morte psicológica, similares nos dois textos. Jekyll teme por ser descoberto e perder não apenas o seu título de médico, mas o respeito da sociedade. Procópio que após se tornar o herdeiro principal do Coronel Felisberto teme ser descoberto o carrasco do homem.

Mas, consideremos que não apenas a morte social dos personagens é retratada, uma vez que ao saberem da morte do coronel, a sociedade prontamente comemora. Procópio, antes de matá-lo já almejava pela sua morte, fosse por causas naturais ou não.

Abaixo, trago as representações dos momentos clímax de cada um dos livros e, algo que consideramos interessante contextualizar é que, apesar de serem doutores, ambos os personagens utilizam da força humana para matar. As mãos, possuem um significado muito importante, uma vez que para medicina, as mãos representam poder de transformação. As mãos dão vida. As mãos curam. Abaixo, contextualizamos as figuras com a um famoso personagem da Marvel, O Incrível Hulk, que comicamente também é um médico que por advento da raiva se transforma em um monstro. Observem que sempre que o médico se transforma no Hulk, a primeira coisa que muda na representação são as mãos que fecham, dando vazão a sua raiva. Hulk, mesmo sendo médico, usa as suas mãos para a destruição, para a generalização do caus. Em ambas as representações, as mãos possuem um papel fundamental, pois, são elas que demonstram a raiva e o descontrole emocional e humano dos personagens. Em ambas as obras, o gesto com as mãos dando vazão a raiva, precedem acontecimentos trágicos ou, a morte.



MARVEL, 1987, P10.



VILACHÃ; RODRIGUES, 2010, p.20.



ESTEVES; SOUZA; FREITAS, 2021,



VILACHÃ; RODRIGUES, 2010, p.18.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura em quadrinhos pode funcionar, enquanto texto multimodal e multissemióticos (BNCC, 2017), e como um potencializador do gosto pela leitura. A partir disso, devemos entender que as adaptações podem ser descritas como arte. Ler “O Médico e o Monstro” e “O Enfermeiro”, pode ser descrito não apenas como uma leitura informativa, mas, formativa, e uma leitura contextualizadora. Ressaltando que o quadrinho não encaminha o leitor necessariamente para os textos de partida, não é essa a função de uma adaptação, mas é um caminho para a compreensão do mesmo. As adaptações em quadrinhos de textos clássicos literários, por sua linguagem híbrida, podem amplificar as competências e as habilidades leitoras e trazer contribuições formativas aos mesmos.

Esse método intercalado pode funcionar uma vez que no contexto geral da educação

básica, os objetos de conhecimento estão direto e indiretamente ligados uns aos outros. Esse artifício, com o quadrinho, pode agregar conhecimento não apenas a uma disciplina, mas a várias a partir de uma mesma proposta. A leitura de uma adaptação não se dá apenas em ler as vinhetas e os textos sobrepostos nos balões, se dá em analisar a obra e qual a importância de cada elemento existente nela. Sendo assim, concluímos parcialmente que utilizar uma adaptação quadrinística em sala de aula, seja ela de textos oitocentistas ou literatura moderna, pode dinamizar e tornar as aulas lúdicas e apreciativas aos alunos, além, de proporcionar a formação do gosto pela leitura. Neste artigo, levantamos a hipótese de que uma adaptação intercalada com seus textos originários pode despertar no leitor o gosto pela leitura, mas, ressaltamos que tanto a adaptação quanto o texto de partida são textos distintos que possuem elementos intrínsecos entre eles.

Claro, cada um com a sua abordagem. Com a sua forma de cativar e prender a atenção do leitor. Nos estudos analisados, chegamos à conclusão de que para que se forme um leitor, o docente, previamente, deve ser ou vir a tornar-se o um leitor. Acreditamos que o papel do professor é muito maior ao que simplesmente ensinar gramática. Da escola, deve sair educandos críticos, questionadores que analisem o mundo a sua volta com um olhar além do social/literário. Parcialmente, concluímos que as adaptações quadrinísticas intercaladas com os seus textos de partidas são sim capazes de despertar nos novos e antigos leitores o gosto pela leitura e, salientamos que a leitura deve ser um processo contínuo, reciclável, prazeroso.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. *O Enfermeiro*. São Paulo: Clube do Livro, 1968.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. *Quadrinhos na Educação*. 1º Edição. São Paulo – SP: Contexto, 2009.

RODRIGUES, F.A.; VILACHÃ, F. *O Enfermeiro em Quadrinhos*. São Paulo-SP: Escala Educacional, 2010.

COSTA, M. F. *Os Quadrinhos em Sala de Aula*. Universidade Estadual da Paraíba, 2013. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwid5K_am_D0AhUiq5UCHfV7DoEQFnoECACQAQ&url=http%3A%2F%2Fdspace.bc.uepb.edu.br%2Fjspui%2Fbitstream%2F123456789%2F1492%2F1%2FPDF%2520-%2520Marsoniel%2520Felipe%2520da%2520Costa.pdf&usg=AOvVaw08U9eY3qC4Mgf8PIc5_m2E.

PINA, P.K.C. *A Literatura em Quadrinhos: Formando Leitores Hoje*. 1º Edição. Rio de Janeiro- RJ: Dialogarts, 2014.

SEVERO, M. F.S. *As Hq's Como Ferramenta Pedagógica em Sala de Aula*. Revista Incelências, 2015. Disponível em: [AS HQS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA | REVISTA INCELÊNCIAS \(cesmac.edu.br\)](http://cesmac.edu.br). Acesso em: 14 de novembro de 2021.

PESSOA, A.R. *A Linguagem das Histórias em Quadrinhos: Definições, Elementos e Gêneros*. 1º Edição. João Pessoa -PB: Editora UFPB, 2016.

Análise “O Enfermeiro”, de Machado de Assis. Nova Escola. 2017. Disponível em: [Análise de "O enfermeiro", de Machado de Assis \(novaescola.org.br\)](http://novaescola.org.br). Acesso em: 14 de novembro de 2021.

STEVENSON, R.L. *O Médico e o Monstro*. 1º Edição. Jandira- SP: Principis, 2019.

PINA, P.K.C. *Da Sarjeta ao Balão: A Linguagem Quadrinística e a formação de Leitores com Vontade de Ler*. 1º Edição. Curitiba – PR: Brasil Publishing, 2020.

ESTEVES, D.; SOUZA, W.; FREITAS, D. *O Médico e o Monstro em Quadrinhos*. 1º Edição. Jandira-SP: Principis, 2021.

BALDOW, V.S.; JAURIS, R.B.; SANTOS, F.A. *O Enfermeiro” De Machado De Assis: Um Embate Entre A Essência E A Aparência Em Conversas Com A Psicologia*. Vertentes & Interfaces I: Estudos Literários e Comparados, sd. Disponível em: [Vista do “O ENFERMEIRO” DE MACHADO DE ASSIS: UM EMBATE ENTRE A ESSÊNCIA E A APARÊNCIA EM CONVERSAS COM A PSICOLOGIA \(uesb.br\)](http://uesb.br). Acesso em: 19 de novembro de 2021.